

"A professora que já não ensina" ¹

Prof. Dr. Francisco Thiago Silva – FE/UnB²

Hoje, antes de sair de casa, uma professora abriu o computador às cinco e meia da manhã.

Não para preparar uma aula.

Não para escolher um poema, selecionar um documento histórico ou pensar numa pergunta capaz de despertar a curiosidade dos estudantes.

Ela abriu o computador para verificar pendências.

Quantos alunos acessaram a plataforma?

Quais atividades ainda não foram registradas?

Qual indicador caiu durante a madrugada?

Qual relatório precisa ser alimentado antes do fim do expediente?

Quantos minutos permaneceu conectada?

Quantos cliques ainda faltam?

Ao chegar à escola, ela continua ensinando.

Mas agora ensina enquanto registra.

Explica enquanto preenche.

Escuta enquanto responde notificações.

Avalia enquanto atualiza planilhas.

Olha para os estudantes, mas a tela insiste em olhar para ela.

No fim do dia, leva para casa uma sensação estranha.

Trabalhou mais do que nunca.

E, paradoxalmente, sente que conseguiu ensinar menos.

Não porque perdeu a capacidade de ensinar.

Mas porque parte do seu tempo deixou de pertencer aos estudantes.

Passou a pertencer às plataformas.

Enquanto isso, do outro lado da sala, um estudante permanece horas diante de uma tela.

Recebe atividades.

Recebe comandos.

¹ Crônica escrita para a formação: "A plataformização da Educação no Brasil" realizada no dia 24/07/2026 na cidade de São Paulo, SP, Brasil, promovida pelo SINPEEM - Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo.

² Professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – E-mail: francisco.thiago@unb.br

Recebe metas.

Recebe pontuações.

Mas, pouco a pouco, deixa de encontrar aquilo que nenhuma plataforma consegue produzir:

o olhar do professor,

a conversa inesperada,

o debate,

o silêncio da dúvida,

a descoberta compartilhada.

A escola continua existindo.

Os professores continuam trabalhando.

Os estudantes continuam frequentando as salas de aula.

Mas alguma coisa mudou profundamente.

Sem muito alarde, a tecnologia deixou de ser ferramenta.

Começou a organizar o tempo.

A definir prioridades.

A medir comportamentos.

A produzir rankings.

A orientar decisões.

E, quando percebemos, já não perguntávamos mais:

"O que é melhor para ensinar?"

Passamos a perguntar:

"O que a plataforma exige?"

É exatamente sobre essa transformação — silenciosa, profunda e política — que quero conversar com vocês hoje.

"Nenhuma tecnologia é neutra quando passa a decidir o currículo, reorganizar o trabalho docente e transformar estudantes em dados."